

A Influência do professor nos Hábitos Alimentares

The Influence of the teacher in Eating Habits

Renata Cardoso de Sá Ribeiro Razuck¹

Priscila Galdino Fontes², Fernando Barcellos Razuck³

1. UnB, Faculdade UnB Planaltina, FUP, *renatarazuck@unb.br*
2. UnB, Faculdade UnB Planaltina, FUP, *priscila.fontes@gmail.com*
3. UnB, Faculdade de Educação, FE, CAPES, *razuckdabrasilia@hotmail.com*

Resumo

Nos últimos anos, os índices de sobrepeso em jovens têm crescido significativamente, constituindo-se como um grave problema de saúde pública. Nesse sentido, a escola pode desempenhar um papel fundamental no processo de prevenção da obesidade, estimulando a formação de hábitos alimentares saudáveis. Tal influência é inicialmente exercida pela família, e em seguida, pela escola, onde em média as crianças consomem cerca de trinta por cento das calorias diárias. Este trabalho tem por objetivo identificar as escolhas alimentares dos professores durante o lanche escolar e se estas interferem na promoção de hábitos alimentares saudáveis. Entende-se assim que, cabe à escola promover trabalhos relacionados à educação alimentar e a implantação de projetos que previnam doenças, estimulando para isso a capacitação dos professores em temas envolvidos com nutrição, para o seu bom desempenho na saúde escolar.

Palavra-Chave: Obesidade, Hábitos Alimentares Saudáveis, Influência do Professor.

Abstract

In recent years, rates of overweight in youth have increased significantly, constituting as a serious public health problem. In this sense, the school can be important in the process of preventing this disease from the formation of healthy eating habits. This is because knowledge of the food is initially influenced by the family, and then by the school, where children consume on average about thirty percent of daily calories. This study aims to identify the food choices of teachers during the school lunch and if they interfere with the promotion of healthy eating habits at school. So, we understood that school must develop work to promote nutritional education and implementation of projects to prevent diseases by stimulating the training of teachers on issues involved with nutrition for their good performance in school health.

Key words: Obesity, eating habits, influence of the teacher.

Introdução

O problema da obesidade em crianças

Pode-se afirmar, hoje em dia, que a questão da obesidade se converteu em um problema de saúde pública mundial, a ponto de já ser incluída junto ao grupo de Doenças Crônicas Não-Transmissíveis (DNCT). Além disso, apresenta números alarmantes, tendo em vista o crescimento dos índices de sobrepeso em crianças e adolescentes no nosso país.

A obesidade pode ser definida como uma síndrome de alterações fisiológicas, bioquímicas, metabólicas, anatômicas, psicológicas e sociais, caracterizada pelo aumento do tecido adiposo, com conseqüente acréscimo ao peso corporal. A obesidade ocorre basicamente quando a quantidade de energia ingerida excede o gasto energético por um tempo considerável (ARTEAGA, SANTOS & OLIVEIRA, 1982).

Para Pinheiro, Freitas e Corso (2004), a obesidade se trata do acúmulo excessivo de gordura corporal que acarreta prejuízos à saúde dos indivíduos (tais como dificuldades respiratórias, problemas dermatológicos, distúrbios do aparelho locomotor, além de favorecer o surgimento de enfermidades potencialmente letais como dislipidemias, doenças cardiovasculares, Diabetes Tipo II e certos tipos de câncer), cuja etiologia se trata de um processo que envolve vários fatores, principalmente ambientais e genéticos.

Segundo Filho (2004), a obesidade também desencadeia problemas de saúde como diabetes, hipertensão arterial, doenças cardiovasculares (que levam, por exemplo, ao derrame cerebral), lesões articulares, entre outros.

Modificações no padrão de nutrição e consumo, aliado às mudanças econômicas, sociais e demográficas, a urbanização, o comportamento alimentar e a redução da atividade física têm um papel relevante no processo. Especificamente com relação ao Brasil, o aumento da prevalência da obesidade é mais elevado nas famílias de baixa renda, a ponto de ser cada vez mais necessário o uso de estratégias de saúde pública capazes de sanar este problema (PINHEIRO; FREITAS; CORSO, 2004).

Hoffman (2004) aponta praticamente os mesmos fatores (urbanização, estilos de vida – dieta, atividades físicas, fatores genéticos) ao tratar o problema com relação aos países em desenvolvimento, dentre os quais o Brasil se enquadra. Como conseqüências, indica uma alteração na queda da produtividade da população economicamente ativa, bem como elevados gastos públicos com tratamentos de saúde, afetando significativamente a economia do país.

Como visto, existem várias fatores que geram problemas alimentares, levando à obesidade. Entretanto, destacamos a má alimentação, ocasionada pela incorreta orientação escolar, familiar e as condições financeiras desfavoráveis, principalmente com relação às crianças e adolescentes. Isto porque a obesidade infantil vem crescendo mundialmente em países desenvolvidos e em desenvolvimento, com sérias repercussões na saúde da população infanto-juvenil (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2000).

Além disso, segundo Karasek (2009), crianças e adolescentes com sobrepeso ou obesos apresentam maior número de fatores de risco relativos a distúrbios cardiovasculares. Suas preferências alimentares e comportamentais são praticamente influenciadas diretamente pelos hábitos dos pais, o que reforça a hipótese de que os fatores ambientais são decisivos na questão. O autor aponta também como outro fator preocupante o tratamento da obesidade na infância, uma vez que costuma ser negligenciada, na expectativa de uma resolução espontânea, criando a probabilidade da doença na vida adulta, uma vez que o risco de a criança obesa tornar-se adulto obeso aumenta acentuadamente com a idade.

Assim, Gambardella, Frutuoso e Franch (1999) consideram que a família é a primeira instituição influenciadora e constituidora dos hábitos alimentares, já que a esta cabe a responsabilidade pela escolha e preparo dos alimentos, o que faz com que o indivíduo em formação adquira os hábitos alimentares do seu núcleo familiar. Outros autores, como Razuck e Razuck (2010), afirmam que a escola tem um importante papel na discussão sobre a alimentação, e que esta pode influenciar na formação de hábitos alimentares e na prevenção da obesidade.

Ao se considerar que o comportamento alimentar tem suas bases fixadas na infância, transmitidas pela família e sustentadas por tradições percebe-se que é necessária e urgente a prática da promoção da alimentação saudável no ambiente escolar por propiciar ampliação dos conhecimentos e mudança de atitude, uma vez que os hábitos alimentares da população escolar estão determinados por uma série de fatores históricos, sociais, religiosos, econômicos e geográficos inerentes a cada comunidade.

No Brasil, a Sociedade Brasileira de Pediatria (2008) indica um surpreendente aumento no número de crianças em excesso de peso, o qual varia de 10,8% a 33,8%, conforme a região. A PNSN (Pesquisa Nacional de Saúde e Nutrição, 1989), mostrou que nos adolescentes a prevalência de sobrepeso é importante. Segundo dados da PNSN (1989), em meninas moradoras na região Sul do País e com renda familiar “per capita” acima de 2,2 salários-mínimos, o índice de massa corporal (IMC) era ainda maior do que nas meninas americanas avaliadas pelo NHANES (“Second National Health and Nutrition Examination Survey”). Tais dados indicam que o sobrepeso não está, necessariamente, relacionado apenas a um considerado alto padrão aquisitivo, como a princípio se costuma associar (SICHERI, 1994).

A importância da educação alimentar

Sabe-se que o conhecimento leva à capacidade de escolhas. Nesse sentido, em um primeiro momento, o conhecimento sobre os alimentos é influenciado pelos pais e em seguida relaciona-se com o ambiente no qual a criança está inserida, como por exemplo, a escola. Schmitz (2008), nutricionista responsável pelo projeto “A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis”, afirma que é na escola que as bases do comportamento alimentar são formadas. Assim, é papel da escola capacitar indivíduos para tomar decisões a partir do que é aprendido. Porém, percebe-se que assuntos relacionados à alimentação equilibrada e seus benefícios são pouco explorados no ambiente escolar. Experiências precoces com os alimentos na infância e sua interação constante com estes podem determinar hábitos e preferências quando adultos (SOARES et al., 2009).

Logo, a educação alimentar é conteúdo previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), sendo trabalhada nas aulas de Ciências e em temas transversais. O objetivo do tema visa à melhoria na qualidade de vida por meio de escolhas alimentares saudáveis. Dessa forma, noções de nutrição são essenciais para promoção da saúde e prevenção de doenças relacionadas a escolhas alimentares não adequadas. Tais noções devem estar presentes na abordagem escolar, pois a escola não é apenas um espaço físico projetado para educar e transmitir saberes; constitui-se, principalmente, em um espaço de relações (OLIVEIRA, 2005).

Pesquisas realizadas em instituições públicas e privadas na cidade de Maringá, sobre a importância de inserir a educação nutricional na grade curricular do ensino fundamental, identificaram que determinados professores acreditam na eficácia da educação nutricional, a qual poderia prevenir doenças de ordem alimentar e fazer com que as crianças adotassem bons hábitos para a vida. Os professores consideraram importante a disciplina educação

nutricional, mas reconheceram que não eram capacitados para transmitir conteúdos sobre o tema (SOARES, 2009).

Nesse sentido, acredita-se que o professor, do ensino fundamental, pode ser o principal influenciador de hábitos alimentares saudáveis, pois passa maior parte do tempo com os alunos, conhece suas realidades e tem grande capacidade comunicativa (DAVANÇO; TADDEI; GAGLIANONE, 2004).

O papel do professor

Sabe-se também que a relação professor aluno é imprescindível para o pleno desenvolvimento cognitivo da criança. Diante de uma visão humanística essa relação é a base para o desenvolvimento cognitivo e psíquico em sala de aula. O educador tem um papel muito importante por ser ele o facilitador, o mediador que conduz ao conhecimento, de forma que atenda as necessidades do educando.

No entanto, essa relação vai além da simples transmissão de conteúdos, ultrapassa limites profissionais e escolares, pois é uma relação afetiva, que envolve sentimentos e geram marcas para toda a vida (MIRANDA, 2008).

Segundo Abreu e Masetto (1990, p. 115) “é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos”.

O professor deve-se perceber como ser atuante na sociedade em que vive. Sendo o docente caracterizado como um referencial que tem o poder de influenciar, este precisa estar munido de embasamento teórico aliados à sua prática cotidiana para que possa influenciar e auxiliar os alunos a ter uma postura crítica, e assim contribuir para a formação do indivíduo (MIRANDA, 2008).

A realidade do educando acentua a necessidade de intervir para prevenir. Ao trabalhar com um tema associado com hábitos alimentares é importante ressaltar que grande parte das crianças e adolescentes tem se alimentado de forma errada. Os índices de sobrepeso em crianças e adolescentes têm crescido e são vários os fatores que influenciam a obesidade. Associada a esta estão os fatores genéticos, hereditários, má alimentação, sedentarismo, excessiva ingestão de alimentos industrializados e altamente calóricos, etc. (FONSECA et al, 1998)

Assim, neste trabalho pretende-se identificar as escolhas alimentares de alunos e professores durante o lanche escolar, analisar a prática alimentar dos professores no horário do lanche, a fim de perceber se eles possuem hábitos de alimentação saudável, verificar se é perceptível o incentivo para as crianças, por parte do professor, de hábitos alimentares saudáveis e analisar se é possível associar a escolha alimentar dos professores no horário do lanche, com as escolhas de lanches dos alunos.

Metodologia

Foi feito um estudo de caso em uma escola pública do Distrito Federal – DF, no período matutino, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo analisada uma turma do 1º ao 4º ano. Este estudo foi norteado por observações e aplicações de questionário realizado com os professores dessas séries, a fim de se conhecer as escolhas alimentares dos professores e como estas podem influenciar na alimentação dos alunos.

As observações foram feitas durante o horário do lanche escolar. A cada semana foi acompanhado um ano do ensino fundamental, totalizando quatro semanas de observações.

Com as observações, pretende-se identificar a alimentação dos alunos e dos professores, bem como o incentivo à alimentação saudável.

Em seguida, solicitou-se aos professores que respondessem por escrito um questionário referente ao lanche escolar. Neste questionário perguntou-se:

- a) Qual série você ministra aulas?
- b) Você lancha na escola durante o intervalo de lanche das crianças?
- c) O lanche das crianças é servido na sala de aula?
- d) Você gosta da merenda oferecida? Por quê?
- e) Onde você lancha no horário do lanche?
- f) Na sua disciplina há abordagens sobre alimentação saudável? Dê exemplos; e
- g) Você conhece algum projeto na escola sobre alimentação? Qual?

Resultados e Discussões

Durante as observações foi possível identificar o cardápio oferecido pela escola, a presença de outros alimentos no horário do lanche, as atitudes e escolhas dos alunos e professores. Além disso, em todas as salas foi quantificado o número de alunos que se alimentam da merenda escolar, quantos levavam outros lanches alternativos e quantos se alimentavam de ambos. Com relação aos docentes, foram analisados aspectos como: a alimentação do professor no horário do lanche, local em que o professor opta por lanchar, variedade de lanches na cantina escolar, comentários feitos pelos professores sobre o lanche e suas opções alimentares.

As observações feitas em sala foram expressas em duas categorias: atitudes/falas que podem interferir na alimentação do aluno; e o momento do lanche escolar.

Atitudes/Falas que podem interferir na alimentação do aluno

Nas diversas séries foi possível observar que as professoras tinham atitudes que indicavam que eles se interessavam pela alimentação do aluno, conforme destacado:

1º ano	A professora percebe que um aluno não pegou o lanche e nem trouxe de casa. Então, orienta-o que não deve ficar sem lanchar. Em outro momento, a merendeira ofereceu o lanche e disse que era arroz doce. A professora respondeu: “Hum, que delícia!” - com esse comentário foi perceptível que os alunos também se sentiram motivados a comer o lanche escolar.
2º ano	A professora diz diversas vezes: “o lanche é gostoso”. Conversa com os alunos durante o lanche e diz que adora arroz doce.
3º ano	A professora possui uma garrafa e a todo instante bebe água, nitidamente os alunos desta turma também bebem mais água que os demais. Um aluno não queria lanchar, então a professora questionou sua atitude e orientou que lanchasse. O aluno respondeu que não gostava de arroz doce, sendo questionado se já havia provado. Ao responder que nunca havia provado, a professora disse que ele não pode dizer que não gosta de algo que nunca comeu. Após este diálogo, o aluno se levantou e pegou o lanche. Entrou na sala comendo e disse à professora que é bom, mas que falta um pouco de açúcar, o que é confirmado por ela.
4º ano	Durante o horário de lanche a professora aconselha os alunos a não comerem

	mais do que é necessário e orienta-os a mastigar bem. Pede que eles evitem repetir. A professora fala para os alunos não ficarem comendo besteiras senão irão engordar e alerta-os sobre os males ocasionados pela obesidade.
--	---

Momento do Lanche Escolar

Em todas as turmas o lanche é servido em sala de aula, pois não há refeitório na escola. A merendeira leva o lanche até a porta e cada professor organiza a distribuição deste para sua turma. Antes de o lanche chegar, os alunos forram às mesas, e logo após a professora faz uma oração de agradecimento. Após a oração a atitude dos professores é diferenciada:

1º ano	A professora demonstra preocupação em orientar seus alunos para que lanchem, e também lancha juntamente com eles (quando o cardápio a agrada). Havia 24 alunos em sala e 10 repetiram o lanche. Mais de 50% dos alunos lancharam a merenda escolar. Também haviam lanches variados trazidos de casa.
2º ano	Após a oração o lanche foi servido e a professora permaneceu preenchendo o diário durante a merenda. Menos da metade dos alunos lancha o que é servido pela escola. O lanche vindo de casa é variável.
3º ano	A porcentagem de alunos que lanchou a merenda servida na escola foi muito variável, a cada dia. Em apenas um dia a professora lanchou a merenda. Em outro dia lanchou um salgadinho industrializado levado de casa. O lanche vindo de casa é predominantemente industrializado.
4º ano	A porcentagem de alunos que lanchou a merenda servida na escola foi muito variável, a cada dia. A professora não lanchou, em nenhum momento, a merenda escolar. Levava outros alimentos industrializados e frutas para seu lanche. Nesta turma foi perceptível um maior consumo de alimentos industrializados e não saudáveis.

Considerações

Conforme as atitudes adotadas pelos professores diante das turmas na hora do lanche, entende-se que é necessário avaliar o impacto das ações educativas promovidas por esses atores no processo de promoção de hábitos alimentares saudáveis no ambiente escolar. Devem-se envolver medidas de proteção e ações regulatórias que impeçam a exposição de coletividades e indivíduos a fatores estimuladores de práticas não saudáveis, pois, como observados na turma de 4º ano, ocorre a ingestão de alimentos mais calóricos do que nas demais. Agrega-se a esse fator a maior autonomia dos estudantes com maior idade em poderem comprar o seu próprio lanche.

Isto porque para Davanço, Taddei e Gaglione (2004) o fomento a práticas alimentares saudáveis também deve se apoiar na regulamentação da oferta de alimentos saudáveis, inclusive nas cantinas escolares. De acordo com os autores, os professores são responsáveis por construir conhecimentos, negociar regras para o consumo alimentar (exemplo: horário para consumir o lanche, regras de higiene, comportamento durante o consumo do lanche escolar). Além disso, os professores atuam como modelo de comportamento e favorecem o compartilhamento de experiências e opiniões relativas à alimentação entre os alunos. Professores informados e motivados podem tornar-se agentes transformadores do comportamento alimentar de crianças. (GLANZ; LEWS; RIMER, 1990).

Após as observações e aplicação dos questionários, destaca-se que a professora do primeiro ano incentiva os alunos a lancharem. No 2º ano, a professora se detém a chamar a atenção dos alunos, de forma a ensiná-los como se comportar quando estiverem comendo. No 3º ano a professora estimula o aluno a provar o lanche e ao fazê-lo, passa a gostar do lanche. Ainda no 3º ano, a professora ingere água durante todo o dia e nesta mesma turma pôde-se observar que os alunos também ingerem maior quantidade do que nas demais turmas nas quais nem professores nem alunos têm o hábito de beber água. No 4º ano a professora orienta os alunos a não repetirem e a mesma percebe que por tanto falar há uma significativa diminuição do número de repetições. Assim considera-se que pequenas e grandes atitudes influenciam os alunos.

Apesar dos professores pensarem ao longo das observações que o foco era apenas o aluno ou a alimentação escolar, o principal foco deste trabalho foi o professor, o que engloba seus conhecimentos, atitudes e práticas nutricionais. A respeito da formação de hábitos alimentares saudáveis no ambiente escolar é atribuída ao professor e à escola a função de educar para saúde.

Assim, segundo Temporini (1992), para que o professor se transforme em agente promotor de hábitos alimentares saudáveis é essencial que possua, além do conhecimento dos preceitos teóricos de dieta equilibrada, uma postura consciente de sua atuação na formação dos hábitos alimentares da criança.

Desta maneira, é necessário que o profissional da educação possua conhecimentos e habilidades sobre promoção da alimentação saudável, procurando incorporá-los ao seu fazer pedagógico. Esses conhecimentos devem ser construídos de forma transversal no ambiente escolar, garantindo a sustentabilidade das ações dentro e fora de sala de aula. É dessa forma que entendemos que o professor é um estimulador de hábitos alimentares saudáveis e pode influenciar tanto positivamente quanto negativamente. Sendo assim, acredito que docentes que assumem como atribuição estimular hábitos saudáveis entre os alunos estejam mais aptos a realizar ações de promoção de saúde. Neste estudo evidencia-se a importância da capacitação de professores, em nutrição, para o seu bom desempenho na saúde e na nutrição escolar.

Portanto, promover a adoção de hábitos alimentares saudáveis representa um grande desafio para qualquer indivíduo, pois a alimentação compõe a história individual, do grupo e da família. O professor como influenciador deve ser orientado, capacitado e adepto da alimentação saudável para que seja um exemplo, um referencial, da prática aliado a teoria, para que aquilo que é falado tenha relação com o comportamento.

Ou seja, o educador pode e deve ministrar aulas e implantar projetos sobre educação nutricional. Um obstáculo a esta atividade agrega-se a falta de preparo e formação para trabalhar com esta área. Sobretudo, este educador deve ser um facilitador, que saiba utilizar várias estratégias de ensino, contribuindo para a melhoria da alimentação das crianças (DAVANÇO; TADDEI; GAGLIANONE, 2004). Segundo a Teoria Social Cognitiva os processos cognitivos se apresentam como importantes influências sobre o comportamento humano, não se limitando apenas como incentivos e reforços. De acordo com esta teoria fatores ambientais pessoais e comportamentais, interagem e influenciam, de maneira recíproca, o comportamento, criando incentivos para mudanças. (BANDURA, 1986)

É importante frisar que o comportamento alimentar ao longo da vida pode vir a modificarem-se em consequência de mudanças do meio, relativas à escolaridade ou relacionadas às mudanças psicológicas dos indivíduos, daí a necessidade de se preocupar com o que as crianças estão ingerindo. A educação nutricional, o apoio e exemplo familiar podem propiciar à criança a possibilidade de fazer escolhas saudáveis de forma consciente.

Entretanto, é na infância que são estabelecidas as bases para o comportamento, o que inclui comportamentos relativos à alimentação. Intervir neste processo de formação por meio de ações educativas pode influenciar positivamente na formação de hábitos alimentares saudáveis. O professor é o elemento principal neste processo, ele se encontra em posição estratégica para desempenhar essa tarefa, devido ao seu contato diário e prolongado com os estudantes. (DUYN, 1998).

Por fim, Oliveira e Thébaud-Mony (1997) consideram que a alimentação é um fato social, no qual interagem o homem biológico e o homem social. Dessa forma a escola é um ambiente propício para a aplicação de programas de educação em saúde, pois a mesma está inserida em todas as dimensões do aprendizado: ensino, relações lar-escola-comunidade e ambiente físico e emocional.

Para isso, a adoção de programas de educação nutricional vem sendo criado em diversos países e esses programas beneficiam as crianças com orientação sobre ingestão energética adequada, favorecendo assim a boa forma física. Os programas capacitam as crianças a entenderem que hábitos saudáveis trarão melhor qualidade de vida, capacitam crianças e jovens para fazer escolhas corretas (DAVANÇO; TADDEI; GAGLIANONE, 2004). Isto porque em estudo realizado, que tinha por objetivo avaliar o aprendizado dos alunos em relação a conhecimentos nutricionais, verificou-se que os professores do ciclo básico aprendiam mais do que os alunos da área de nutrição. (DOYLE; FELDMAN, 1994).

Referências

ABREU, M. C.; & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ARTEAGA, H. P.; SANTOS, J.E. DOS & OLIVEIRA, J.E.D. DE. Obesity Among Schoolchildren of Different Socioeconomic Levels in a Developing Country. **International Journal of Obesity**. 6: 291-297, 1982.

BANDURA, A. **Social foundations of thought and action: a social cognitive theory**. New Jersey: Prentice-Hall. 1986.

DAVANÇO, G. M.; TADDEI, J. A. A. C.; GAGLIANONE, C. P. Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico, expostos e não expostos a Curso de Educação Nutricional. **Revista Nutrição**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 177-184, abr./jun. 2004.

DOYLE, E.L; FELDMAN, R.H.L. Are local teachers or nutrition experts perceived as more effective among Brazilian high school students. **J Sch Health**. 1994.

DUYN, V. Transtheoretical model of change to successfully predict fruit and vegetable consumption. **Jornal Nutrição Escolar**. 1998.

FILHO, A. B. Obesity: a puzzling disorder. **Jornal de Pediatria** - Vol. 80, n. 1, 2004.

FONSECA, V. M.; SICHIERI, R.; VEIGA, G. V. Fatores associados à obesidade em adolescentes. **Revista de Saúde Pública**. Universidade de São Paulo, v. 32, n. 6. 1998.

GAMBARDELLA, A. M. D.; FRUTUOSO, M. F. P. ; FRANCH, C. Prática alimentar de adolescentes. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 55-63, jan/abr 1999.

GLANZ, K., LEWIS, F. M., and RIMER, B. K. (eds.). **Health Behavior and Health Education: Theory, Research, and Practice**. San Francisco: Jossey-Bass, 1990.

HOFFMAN, D. J. **Obesity in Developing Countries: Causes and Implications**. Disponível em: <<http://www.fao.org>> Acesso em: 15 nov. 2004.

KARASEK, F. S. Obesidade infantil: a transgressão do diagnóstico comum. **Revista Digital**, Buenos Aires, n. 134, 2009.

MIRANDA, E. D. S. A influência da relação professor-aluno para o processo ensino-aprendizagem no contexto afetividade. **8º Encontro de Iniciação Científica. 8º Mostra de Pós Graduação**. Sessão de artigos. FAFIUV, 2008.

OLIVEIRA, S. P.; THÉBAUD-MONY A. Estudo do consumo alimentar: em busca de uma abordagem multidisciplinar. **Rev Saúde Pública** 31(2):201-8, 1997.

OLIVEIRA, C. L.; FISBERG, M. Obesidade na infância e adolescência – uma verdadeira epidemia. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia** vol.47, n.2. São Paulo. Apr. 2003.

PINHEIRO, A. R. O.; FREITAS, S. F. T.; CORSO, A. C. T. Uma Abordagem Epistemológica da Obesidade. **Rev. Nutr.**, Campinas, 17(4):523-533, out./dez., 2004.

RAZUCK, R. C. S. R & RAZUCK, F. B. Saúde escolar: a discussão da obesidade na escola. **III ENEBIO**, Fortaleza, 2010.

SCHMITZ, B.; RECINE, E.; CARDOSO, G. T.; SILVA, J. R. M.; AMORIM N. F. A.; BERNARDON, R. *et al.* A escola pro-movendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina. **Cad Saúde Pública**. 24(Supl 2):S312-S22, 2008.

SOARES, A. C. F.; LAZARRI, A. C. M.; FERDINANDI, M. N. Análise da importância dos conteúdos da disciplina de educação nutricional no ensino fundamental segundo professores de escolas públicas e privadas da cidade de Maringá-Paraná. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 2, n. 2, p. 179-184, mai./ago. 2009.

TEMPORINI, E.R. Saúde do Escolar: conduta e opinião de professores do sistema de ensino do Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Saúde Escolar**. 1992.